

FACULDADES INTEGRADAS MARIA THEREZA (FAMATH)

O DISCURSO ADOLESCENTE NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA NA SOLUÇÃO DO LUTO PELA MORTE DO CORPO INFANTIL

PAULO ELCIO CASTRO CUNHA

Artigo monográfico apresentado em cumprimento às exigências para a detenção do título de Especialista em Bases Biomédicas de Prescrição de Exercícios, no curso de Pós-graduação *Latu Sensu* na Faculdades Integradas Maria Thereza (FAMATH).

Rio de Janeiro - 2004

RESUMO

Tendo em vista salvaguardar a saúde, o bem estar e a segurança dos alunos, as academias de ginástica desenvolvem uma rotina que começa com as avaliações física e funcional.

A partir dos resultados obtidos, os programas de treinamento, a que cada aluno será submetido, vão ser elaborados com o devido acompanhamento pelo profissional habilitado.

Não considerássemos que as academias sejam dentro do enfoque do nosso artigo, um verdadeiro “espaço terapêutico por excelência”, aquela rotina, aquele ritual, já seria suficiente, uma vez que o problema do corpo fora observado.

Porém, em se tratando do homem, este corpo é muito mais complexo. Simplificadamente podemos afirmar que ele envolve aspectos bio-psico-social.

Na visão das academias, como espaço terapêutico a maior parcela dos seus clientes é composta por adolescentes. Preocupados com essa faixa etária (dos 12 a \pm 20 anos), procuramos visitar algumas academias de grande e médio porte, das zonas norte (Casadura e Madureira) e oeste (Barra e Jacarepaguá) onde constatamos que, em nenhuma delas aparece nas suas entrevistas algum tipo de avaliação que envolva preocupação pelo desenvolvimento emocional deste adolescente.

Sendo as academias um verdadeiro espaço terapêutico, preocupa a falta de

preparo dos profissionais de Educação Física para compreender a dinâmica a que os adolescentes são capazes de nos submeter. Essa dinâmica e seus motivos serão mostrados no decorrer do artigo, onde ainda será ressaltado o cuidado com que o professor deve atuar junto ao adolescente tanto físico como emocional, observando os seus discursos, para que possa atendê-lo com um mínimo de respeito à elaboração do processo de amadurecimento, no seu devido tempo, rumo à identidade do adulto.

Palavras-chave: adolescência – corpo infantil – luto – identidade infantil.

ABSTRACT AND KEY WORD

Tends in view to safeguard the health, the good to be and the students' safety, the gyms develop a routine that begins with the evaluations physics and functional.

Starting from the obtained results, the training programs, the one that each student will be submitted, they will be elaborated with the due attendance by the qualified professional.

We didn't consider that the academies are inside of the focus of our article, a true therapeutic "space par excellence", that routine, that ritual, would be already enough, once the problem of the body had been observed.

However, in if taking care of the man, this body is much more complex. Simplify can affirm that he involves bio-psico-social aspects.

In the vision of the academies, as therapeutic space, their customers' largest portion is composed by adolescents. Concerned with that age group (of the 12 to 20 years), we tried to visit some academies of great and medium load, of the areas north (Cascadura and Madureira) and west (Barra and Jacarepaguá), where we verified that, in none of them he/she appears in their interviews some evaluation type that involves concern for this adolescent's emotional development.

Being the academies a true therapeutic space, it worries the lack of the professionals' of Physical education preparation to understand the dynamics what the adolescents are capable to submit. That dynamics and their reasons will be shown in elapsing of the article, where still the care will be stood out with that the teacher should act the adolescent close to so much physical as emotional, observing their speeches, so that he can assist him with a minimum of respect to the elaboration of the ripening process, in his/her due time, heading for the adult's identity.

Word-key: adolescence - infantile body - mourning - infantile identity.

INTRODUÇÃO

Por que os adolescentes vivem tão intensamente suas modificações? Por que tanta pressa quanto aos resultados a serem obtidos, levando-os a pedir a troca de programas de treinamento aos seus professores, antes do tempo previsto? Por que tanta ansiedade? Como se sentem de fato, esses alunos nas academias?

Tantas perguntas nos levam a justificar o propósito do nosso artigo, pois através dele, estaremos contribuindo ao chamar a atenção dos profissionais de educação física para, melhor instrumentalizados, possam encarar essa pressa que representa a própria angústia do adolescente, frente a perda da sua infância, não cedendo no tempo, isto é, não antecipando nem postergando, ao atender precipitadamente esses pedidos.

Apressar o desenvolvimento do físico em detrimento do desenvolvimento emocional é algo a que devemos estar atentos, para que não formemos adultos imaturos, que não saberão o que fazer com seus corpos, criados fora do tempo.

A relevância de nossa pesquisa prende-se em permitir que esses adolescentes encontrem nas academias não apenas um espaço para o seu desenvolvimento físico, como também o seu espaço de desenvolvimento emocional, onde possam elaborar todo o luto pelo corpo infantil perdido, devidamente orientados, quanto à essa nova realidade.

O presente estudo, aconteceu a partir de observações e conversas informais nas academias e de revisão bibliográfica que constam do desenvolvimento desse trabalho. A fundamentação teórica, está embasada na concepção do que seja o fenômeno Adolescência, segundo a visão de Aberastury, (1981) e Knobel, (1981).

Acreditamos que dessa forma possamos conseguir um grande alívio da ansiedade do aluno adolescente, permitindo-lhe um trabalho menos sujeito a pressões, pela pressa do resultado, a essa altura já contornável, e quem sabe até, uma maior aderência nesse novo espaço de exercício e reflexão.

O objetivo do artigo é dar às academias de ginástica condições de um acompanhamento responsável junto a seus clientes adolescentes, despertando na sua equipe de profissionais a necessidade de abrir seus horizontes para a pesquisa nessa área, geralmente tão mal avaliada. Este artigo propõe um novo enfoque na formação de futuros profissionais, não só nas academias como também nos desportos em geral, porquanto, apesar do chamamento do jovem para a atividade física ser cada vez maior, não nos parece haver o mesmo cuidado com a qualificação dos respectivos profissionais envolvidos, particularmente no que se refere às modificações e ao drama porque passam os adolescentes durante esta fase crucial do seu desenvolvimento até atingirem a maturidade.

REVISÃO DE LITERATURA

A preocupação com a imagem corporal, sempre foi uma constante nas academias de ginástica, tanto entre praticantes masculinos quanto femininos. O que nos chamou a atenção foi a quantidade de vezes em que o cliente colocava-se frente ao espelho e se observava. A mulher, muito mais da cintura para baixo; o homem, da cintura para cima. Provavelmente, isto se explica, por serem suas áreas de sedução recém chegadas com a adolescência.

Freud (1962), não apenas concebe a adolescência no mundo moderno como um período de perturbações, transtornos e rebelião, como também afirma que as tensões e alterações devem ser consideradas como indícios de desenvolvimento normal e de que ajustamentos internos estão ocorrendo. Os adolescentes que permanecem dóceis e submissos aos pais, são bons filhos, e se comportam seguindo a atmosfera, os ideais e as idéias dos tempos da infância, exibem relutância em crescer psicologicamente e, muitas vezes, carecem de ajuda terapêutica para remover restrições que os impeçam de trilhar o caminho do desenvolvimento normal.

Lopes (1954), associa a adolescência às idéias de desequilíbrio e crise e assinala como um dos fatos distintos dessa fase, as alterações morfológicas que levam o jovem a uma certa desorientação a respeito de sua aparência.

Netto (1986), relata que não há uma explicação simplista para as reações dos adolescentes frente às modificações que acontecem no seu corpo. Se por um lado, o comportamento social e a própria personalidade do jovem são afetados por estas modificações, por outro lado, a avaliação que o adolescente faz de si mesmo, é influenciada por outros fatores, como por exemplo: seu núcleo familiar, seus sucessos e fracassos no seu dia a dia, etc. na medida em que tal avaliação

poderá influir no seu comportamento e experiência.

Estudos realizados em 1950 verificaram que em 580 adolescentes 61% dos rapazes e 72% das moças, desejavam alguma mudança em seus corpos. Frazer & Lizombo, (1950) *Apud Netto, (1986)*.

Sabemos que o estudo comparativo de adolescentes com desenvolvimento físico acelerado ou precoce e com desenvolvimento físico retardado tem lançado alguma luz sobre o problema dos efeitos somatopsicológicos nos adolescentes (*Netto, 1986*).

Jones e Bayley, (1950) *Netto, (1986)*, em um estudo com 90 adolescentes do sexo masculino verificaram a partir de uma seleção do 16 mais atrasados e dos 16 mais adiantados em idade esquelética, que os mais dotados fisicamente eram aceitos e tratados pelos colegas do grupo e também pelos adultos como mais amadurecidos sem levar em conta se esse amadurecimento, era ou não, real.

Mussen e Jones, (1958), *Apud Netto, (1986)*, ao realizarem estudo comparativo aos de Jones & Bayley, (1950), *Apud Netto, (1986)*, concluíram que o adolescente que amadurece com mais dificuldade, atrasa a obtenção gradativa da identidade adulta". Aberastury & Col., (1981), à esse respeito, nos diz que o adolescente no qual o processo de solução do luto de infância é acelerado ou retardado, compromete significativamente o seu amadurecimento.

Aberastury, (1981) sistematiza todo esse processo de transformação do adolescente, através do que chamou de lutos.

É consenso entender-se a adolescência como uma fase de transição ou de passagem porque passam meninos e meninas, mais ou menos dos 12 aos 13 anos indo até 18/20 anos, podendo estender-se até 23/25 anos, quando então atingem a fase adulta. Dessa forma, a puberdade seria o aspecto fisiológico do desenvolvimento; enquanto que a adolescência, seriam as acomodações emocionais frente a essas modificações que levariam, por si, a solução dos conflitos. Aberastury (1981)

Aberastury (1981), na mesma obra, descreve-a como "um período de contradições. Confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e o ambiente circundante". Este quadro, é com freqüência

confundido com crise e estados patológicos, o que alarma o adulto e o leva a buscar soluções equivocadas.

A perda da infância ou do corpo infantil começa a acontecer por volta dos 12/13 anos, nas meninas; e 13/14 anos, nos meninos, quando fatores hormonais começam a interagir juntamente com fatores sócio-culturais, disparando todo um processo a que Aberastury e Knobel, (1981) chamaram de “síndrome normal da adolescência”.

Essencialmente, essa perda, se por um lado é desejada, porquanto todos queremos ser adultos, por outro lado gera uma angústia tão grande, que o adolescente teima em não querer perdê-la e, na infância, inconscientemente procura refúgio.

E por que isso acontece? As transformações ocorridas no corpo do(a) adolescente nessa fase é vivenciada como se fosse uma invasão. (nascimento de pelos, a menarca, na menina; o aparecimento do sêmen, no menino, o crescimento dos membros com a conseqüente deselegância do jovem de ambos os sexos, a modificação da voz), enfim todas essas variáveis criam um quadro de insegurança significativo.

Por essas razões, o primeiro mecanismo (recurso) a que o adolescente recorre é o de “negar” essa nova realidade que vem chegando, procurando outros mecanismos que mantenham a sua segurança no lugar no seu refúgio, isto é, na sua infância, no seu corpo. Paralelamente às transformações que vão ocorrendo no corpo adolescente, as cobranças sociais começam a surgir: “olha os modos, você não é mais nenhuma criança – seja homem, você já está com 16 anos”.

Daí, sobrevém um reforço à angústia já existente. Por conta da necessidade de se auto-afirmar perante a sua família, aos seus amigos, seu grupo, os embates, mais do que nunca, começam a surgir na sua formação, na resolução daquilo que Aberastury, (1981) convencionou chamar de luto pelo corpo infantil.

Como se situarem? Se num determinado momento seus pais ou responsáveis reclamam ou exigem que não cheguem tarde em casa, em outro momento (no dia seguinte ou um mês depois, por exemplo) vem a ser recrutado para o serviço militar a fim de que possa ser preparado para a defesa de seu País. Ou então vai diariamente ao banco pagar as contas da família, sem dizer

que já está apto à procriação.

Como podemos observar, as modificações físicas, determinando novas adaptações sócio-emocionais, geram uma turbulência, que só no seu devido tempo, com mecanismos que lhes são próprios, e com muito amor e devidos limites, será devidamente aplacada permitindo à esse adolescente atingir o estágio de adulto.

Quando falamos do adolescente, normalmente a ele nos referimos como o jovem agressivo, impulsivo, sonhador, perigosos nas suas ações, incoseqüente, etc. Uma outra face da adolescência, porém é muito pouco discutida: a do sofrimento existencial advindo do seu próprio desenvolvimento corporal.

Nas academias de ginástica tivemos oportunidade de observar uma excessiva preocupação pelo corpo, mas que corpo é esse? O corpo físico naturalmente, e seríamos nós apenas um corpo físico? Dessa forma por desinformação, uma grande parte dos professores de educação física relegam a um segundo plano o lado emocional desse verdadeiro frenesi que toma conta do adolescente nessa fase de modificação corporal.

Podemos afirmar que, na adolescência, o que o jovem quer e, ao mesmo tempo tem receio é estabelecer sua identidade adulta. Para que esta identidade adulta se concretize serão necessárias que as primeiras relações com seus pais de infância¹, tenham sido gratificantes e assim internalizadas, dando ao jovem condições de apoio e de auto confiança, podendo no dia a dia confrontar-se com o seu ambiente, utilizando para esse confronto o seu corpo em desenvolvimento que seguindo seu curso normal tenderá a uma Personalidade estável, num plano genital. Mas, para que isso aconteça, o luto pelo corpo infantil e o luto pela identidade infantil fazem-se necessários. (Knobel, 1981).

Como pudemos observar, as transformações ocorridas nesta fase, são uma constante presente também em Lopes (1954), Freud (1962) e Netto (1986), como causa primeira dos conflitos vivenciados pelos adolescentes

Porém, aqueles que inspiraram a nossa direção, a nossa abordagem, são Aberastury, (1981) e Knobel, (1981) razão pela qual o tema do presente estudo

¹ Pais de infância é a representação mental das atitudes dos pais que forma introjetadas quando criança e que, boas ou más, deverão ser elaboradas, isto é, dissolvidas, na medida em que seu crescimento o remete a uma nova relação com esses mesmos pais. (Aberastury A. - 1981).

foi alicerçado no conceito do luto pelo corpo infantil.

O processo de luto é fundamental. Na verdade, esse luto, são “lutos” que se verificam de forma simultânea.

Podemos defini-lo como o momento da elaboração das modificações físicas, fisiológicas, sociais e emocionais ocorridas com o adolescente. (ABERASTURY & col., 1981).

São em número de 4, esses lutos da adolescência:

- a) luto pelo corpo infantil
- b) luto pela identidade infantil
- c) luto pelos pais da infância
- d) luto pela perda da bissexualidade

Consultando bibliografias recentes pudemos observar que nada foi acrescentado, para que pudéssemos alterar os conceitos da escola Abesturyana e as contribuições de Knobel.

Clerget (2000), trata da mesma temática adolescente utilizando com outras palavras os conceitos da escola Abesturyana, porém, sem fazer referência à autora na bibliografia apresentada.

Senão vejamos:

Aberastury & Knobel (1981), nos diz que a prova da realidade do crescimento do corpo adolescente poderia se verbalizar assim: “não sou uma criança, perdi a minha condição de criança; os meus pais não são os pais de uma criança, mas os pais de um adulto; eu tenho de comportar-me como um adulto, assim como o meu corpo”.

Clerget (2000), a esse respeito, diz que o corpo infantil desaparece com a puberdade tendo em vista as transformações ocorridas nessa fase, tornando-se o corpo de infância, segundo o Pequeno Príncipe de Saint-Exupery, uma carapaça abandonada. Havendo uma perda da realidade e igualmente uma perda da dimensão imaginária e simbólica com seu corpo, este desaparecimento do corpo

infantil pode se travestir em alguns momentos, na saúde do adolescente.

Ainda sobre o luto pelo corpo infantil, Aberastury & Knobel (1981), nos esclarece: O adolescente vai se modificando lentamente e nenhuma pressa interna ou externa, favorece este trabalho, pois como toda elaboração de luto exige tempo para ser uma verdadeira elaboração.

Cada adolescente percebe suas modificações de forma diferente. Esta percepção é subjetiva e dependente do meio no qual ele vive. Cada mudança acarreta um tempo de adaptação. Diante do espelho, longos períodos de observação representam a necessidade de aceitar este novo corpo. (CLERGET, 2000)

Aberastury & Knobel (1981), refere-se ao luto pelo corpo infantil destacando que vários personagens são incorporados pelo adolescente diante dos seus pais e freqüentemente ante outras pessoas, que em função disso, nos dariam várias versões sobre seu amadurecimento, capacidade, bondade, afetividade, comportamento e até, num mesmo dia, sob seu aspecto físico.

Clerget (2000), afirma que as mutações corporais inovaram então angústias no adolescente e o confrontam a um sentimento de perda que participa no estabelecimento de uma vivência depressiva. Ele tenta lutar contra esta depressão através de diferentes meios que estão na origem de comportamentos específicos deste período de vida.

No adolescente as modificações em seu corpo levam-no à estruturação de um novo ego corporal à busca de sua identidade e ao cumprimento de novos papéis: - Quem sou eu hoje? Se eu fosse você? Eu sou como você? Eu sou como todos? (ABERASTURY & KNOBEL, 1981).

Não encontramos nenhuma modificação substancial das idéias de Aberastury & Knobel (1981) e Clerget (2000), apesar do tempo de elaboração da Escola Abesturyana.

Clerget (2000), cita que nos esportes de alto nível, a escolha de certos jovens, sobretudo quando é feita subitamente na adolescência, faz parte do quadro. É a consagração da tentativa de controle do adolescente sobre as transformações da puberdade, em defesa do seu corpo. O objetivo do desenvolvimento da massa

muscular é ocultar as modificações da puberdade. A meta então é parecer-se fisicamente com um nadador, um ginasta, etc. tendo cada um deles uma silhueta particular, ligada ao desenvolvimento de músculos específicos. O que não passa de uma ilusão psíquica, visto que, na realidade, este controle da evolução da puberdade pode se traduzir por uma interrupção da menstruação entre os esportistas de alto nível.

O esporte intensivo no que esculpe um novo corpo, é também uma maneira de maltrata-lo, como se maltrata a um animal para melhor domina-lo. A dor provocada torna-se equivalente de um envelope sensorial que ajuda o adolescente a sentir mais os limites corporais que se tornaram móveis. Carrier, (1992) , Apud Clerget, (2000).

Observa-se nas academias de ginástica, muitos alunos que começam a nutrir um grau de fidelidade, um tanto exarcebado, pelo seu professor. Outros, antipatia e distanciamento, sem que uma razão mais objetiva seja detectada.

Acreditamos, que a exarcebação com que esses sentimentos são demonstrados, tem como pano de fundo, os vínculos parentais positivo e negativo.

Baseados nos fundamentos freudianos de transferência, se esses vínculos parentais forem carregados de agressividade, e o adolescente possuir um professor carinhoso, atencioso, a probabilidade de aparecer um pseudo sentimento amoroso em relação ao profissional é muito grande o que, às vezes, pode pegá-lo desprevenido acabando por envolvê-lo.

Na verdade, de acordo com Racker (1982) em A Técnica Psicanalista, a motivação do afeto não está na figura do professor, mas sim na substituição do pai real pelo idealizado (o profissional). Esta motivação, nasce em meio a esse conflito. Se a existência deste conflito não for do conhecimento do professor e este profissional, levemente, participar desse jogo afetivo, essa relação transformar-se-á, para o aluno, em mais uma perda, mais uma frustração, posto que esta é, sem dúvida, uma relação fantasiosa, uma procura.

Acreditamos que o professor deve deixar-se “amar”, porém sem se envolver. Essas situações poderão ser minimizadas através de uma anamnese mais

aprofundada* para que se possa respeitar o devido tempo da solução do conflito adolescente, que só virá através do seu amadurecimento resultante de suas experiências.

No caso desse profissional ser grosseiro, essa relação provavelmente será marcada pela repulsa e/ou desistência do aluno em relação ao afeto apresentado pelo professor. E isso acontecerá porquanto este estará reproduzindo a mesma relação conflituosa com as figuras parentais, não resolvidas.

Por último, quando a relação parental é positiva, isto é, amorosa, dificilmente não ocorrerão essas duas hipóteses:

- a) Caso o professor seja atencioso, carinhoso, o afeto decorrente da relação deverá ser real, seja qual for o nível do relacionamento e não fantasioso, porquanto se identificará com uma relação parental positiva.
- b) Na hipótese do professor ser grosseiro, é muito provável que uma atitude crítica de afastamento seja observada sem maiores conseqüências como, por exemplo, um ódio intenso em relação ao mestre mas, que aos poucos se irá diluindo ao longo do tempo.

Claro está que deixamos de nos referir a uma situação que ocorre em todo relacionamento, conflitante ou não. Trata-se do que chamamos de contra-transferência, conceito esse que explica o quanto do julgamento realizado pelo sujeito é influenciado pelas projeções de seus próprios conflitos com o objeto da relação (RACKER, 1982).

A razão da não inclusão desse conceito no presente trabalho, deve-se a uma não necessidade de aprofundamento, uma vez que não cabe no propósito do desenvolvimento do tema a análise, que do adolescente, quer dos professores, mas tão somente uma visão geral, porém consistente e que possa ser de alguma utilidade, no que diz respeito ao comportamento do adolescente nas academias.

* Chamaria, no caso, de Anamnese mais aprofundada, a inclusão de algumas perguntas chaves, no questionário da avaliação, que se referisse às relações familiares, e à sua auto estima.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

A partir dos dados obtidos através das observações e conversas informais junto aos adolescentes nas academias de ginástica, e do aprofundamento teórico, que se fez necessário à elaboração desse artigo, nos sentimos apto a incluir dois exemplos esclarecedores, baseado no discurso apresentado por adolescentes, ratificando que, por trás de seus comportamentos, existe sempre o conflito gerado pelas transformações dos seus corpos, suas relações parentais e a sociedade em que vivem.

Uma jovem de 15 anos, classe média alta, passou mal, apresentando tonteira

e palidez. Aconselhada a interromper o exercício foi deitada no colchonete, com as pernas ligeiramente elevadas no step.

Decorrido algum tempo e aproveitando o fato dela estar relaxada, iniciamos uma conversa, ali mesmo, para averiguar possíveis razões para o desconforto apresentado, uma vez que, apesar de jovem, era uma ótima aluna e estava muito bem condicionada. Relatou então que seus pais atravessam problemas financeiros, o que muito a afetava, uma vez que não exercia atividade remunerada sendo apenas estudante. Quanto ao seu relacionamento familiar, relatou estar sempre em conflito com sua mãe e dialogar muito pouco com seu pai, apesar de uma melhor qualidade na relação. A irmã com quem tinha uma melhor aproximação, mudou-se do Rio de Janeiro. Acrescentou também, num determinado momento da nossa conversa, que não tinha hora para chegar em casa.

Por ser uma aluna que se exercitava, a nosso ver, de uma maneira excessiva, (cerca de 4 horas por dia), procurei mostrar-lhe o quanto se excedia, ao fazer aulas intensas, tais como spinning e jump-fit, seguido de musculação e (ou) ginástica localizada. Acrescentando-se que quando argüida sobre o tempo em que ali permanecia, disse-me que assim o fazia por não suportar a presença de sua mãe que só vivia brigando com ela, que sofria de asma e que sua menstruação havia cessado, estava irregular. Além disso, evitava carboidratos pois que tinha necessidade de emagrecer.

Durante nossa conversa, chorou muito, relatando-me todo conflito com sua mãe, o isolamento que vivenciava e a necessidade de exercer uma atividade remunerada para “ajudar seu pai” que no momento recuperava-se de um problema cardíaco e passava por certas dificuldades. Segundo ela todo sacrifício de se submeter às aulas intensas, era justificado na necessidade de ser modelo fotográfico e a Agência exigia um padrão de medidas que, precisava atingir, custasse o que custasse.

Vamos tentar, aproveitando o discurso dessa nossa cliente, trazer para o plano objetivo o tema escolhido.

De acordo com esses autores, essa adolescente precisaria, ao mesmo tempo, aceitar seu novo corpo de adolescente e se refugiar no seu corpo infantil, corpo esse que já não possui mas que agora é a sua representação, e na sua

identidade infantil para sentir-se mais segura, mas como a relação com seus pais não é positiva, não há como se refugiar, pois seu lado infantil não lhe permite sentir-se segura (ABERASTURY & col, 1981.)

Segundo Aberastury e Knobel (1981; 1983), a perda que o adolescente deve aceitar ao fazer o luto pelo corpo é dupla: a do seu corpo de criança quando caracteres sexuais secundários colocam-se ante a evidência do seu novo status e o aparecimento da menstruação da menina e do sêmen no menino, que lhes impõe o testemunho da determinação sexual e do papel que terão que assumir, não só na união com parceiro, mas também na procriação, e isso os assusta. É também, nesse momento, que com muita intensidade, de uma forma muito característica, acontece uma modificação acentuada no esquema corporal e no conhecimento físico de si mesmo.

O esquema corporal é uma resultante intra-psíquica da realidade do sujeito, isto é, a representação mental que o sujeito tem do seu próprio corpo como consequência de suas experiências em contínua elevação (ABERASTURY & col. 1981).

Voltando ao discurso da referida aluna, observamos que a sua ansiedade em solucionar o seu drama adolescente, isto é, o da perda do corpo infantil, é reforçada e não deveria sê-lo, pelo desconhecimento (e não há nisso nenhum demérito) dos professores nas salas de ginástica. Estes profissionais, geralmente, não sabem como orientar essa fase, na qual, a modificação é lenta e nenhuma pressão interna ou externa favorece este trabalho, pois toda esta elaboração do luto exige tempo para tomar as características de uma negação maníaca (KNOBEL, 1986).

Podemos inferir, baseados nesses pressupostos, que as mudanças procuradas através de excessiva atividade física e o resultante efeito colateral da ausência de menstruação, vem ao encontro da problemática da aceitação de um novo corpo, da perda pelo corpo infantil e no refúgio em negar esse desenvolvimento permanecendo a menina, isto é, na ausência da menstruação.

Outro exemplo que chama a atenção foi a de um jovem de 19 anos, aluno de musculação, universitário, bonito de rosto, porém de baixa estatura, o que lhe dava a aparência de menino de mais ou menos 14 a 16 anos, com estatura mediana.

A razão que me levou a suspeitar de “algo no ar”, foi ter observado o seu “ar” meio tristonho e o seu jeito de ser arredio, como também o de tentar fazer exercícios com um peso superior a sua capacidade momentânea de força.

A confirmação da minha hipótese em relação a insatisfação com o seu corpo, veio justamente embutida em uma das respostas a nossa conversa. Esta resposta, bastante significativa, veio camuflada em forma de esquecimento.

Quando perguntado como se sentia, adulto, adolescente ou criança, simplesmente não respondeu à pergunta. Em outras palavras, estava em dúvida quanto à sua própria identidade.

Posteriormente, conversando com sua mãe que era nossa aluna de ginástica, ela esclareceu que de fato, seu filho passava por problemas de ordem emocional em função de seu crescimento de certa forma, ser um tanto prejudicado por desequilíbrios endocrinológicos, segundo seu médico, que o aconselhara a procurar uma academia e fazer exercícios de musculação para melhorar sua aparência física, uma vez que deveria chegar num patamar de 1,60 m. Esta situação o entristecia bastante e o deixava muito deprimido. Felizmente, segundo ela, o fato de ter se envolvido com uma moça já começava a surtir algum efeito positivo, como o fato de haver procurado se exercitar, coisa que demorou a decidir.

Verificamos, assim, existir um vazio a ser preenchido na formação dos profissionais em Educação Física. Daí que aventamos a hipótese da inclusão do estudo da adolescência, sobretudo, com o enfoque Abesturyano, na cadeira de Psicologia do Curso de Educação Física, o que em muito poderia contribuir para a redução desse vazio. E isto seria recomendável, porquanto, nos parece que, a grande preocupação nos dias de hoje, é a de ajustar o indivíduo ao seu meio ambiente visando, prioritariamente, “resultados”. Esse tipo de postura acontece com muita frequência e desnecessariamente nas academias, tendo em vista que ali, os resultados podem ser postergados com muito menos cobranças. É preciso saber que o adolescente na ânsia de ser atendido procura diretrizes, limites que serão importantes na sua adaptação ao grupo social a que pertence.

As academias de ginástica, como lugar de concentração de adolescentes muito contribuem para a solução do conflito pela morte do corpo infantil. Na sua busca pela uniformidade, o adolescente (como defesa contra a

despersonificação), se superidentifica a um grupo porque, neste, todos se identificam com cada um. Eles usam os mesmos tênis, as mesmas marcas, o mesmo vocabulário. Esta é, também uma forma de se diferenciar das figuras parentais. Apresentando, assim, uma identidade diferente à de seu ambiente familiar. Dessa maneira, o grupo vem a se constituir em mais um determinante na resolução desse conflito ao diluir, bastante, parte dos seus lutos nesse ambiente.

Aberastury (1982), em seu livro *Adolescência Normal*, relata que só depois de passar pela experiência grupal é que o indivíduo poderá separar-se da turma e tornar-se um adulto.

Observa-se, por exemplo, nas salas de musculação, o quanto de significativa é a pressa, que o aluno adolescente demonstra, na obtenção do seu corpo transformado. Isto significa querer acabar com o corpo de infância para vivenciar um corpo de adulto num menor tempo possível. É o passado, ligado ao futuro, num devorador presente. É a temporalidade ligada ao luto infantil, na busca de uma nova identidade. (ABERASTURY & Col., 1981).

Caberá então ao profissional da área administrar esse frenesi. Isto pode ser feito observando essa ânsia de resultado imediatos tentando controlá-la e, quem sabe, mostrando os exemplos mal sucedidos daqueles que ficaram lesionados fisicamente, por quererem acelerar o processo de desenvolvimento. Pode também alertar para a perspectiva da não aceitação futura de si mesmo. Isto é, do seu novo corpo. Este novo corpo estará sendo criado num tempo superior ao tempo necessário, para que seja elaborado o luto pelo corpo de infância, prejudicando dessa forma, a assimilação do seu esquema corporal. Entretanto, apesar desse vazio, que enfatizamos não ser da responsabilidade desses Educadores, podemos concluir serem as academias de ginástica, um grande espaço de procura dos adolescentes, no que diz respeito tanto às suas transformações corporais, isto é, na solução do luto pelo corpo infantil, como também, permitindo-lhes um maior equilíbrio emocional, nesse momento decisivo de suas vidas, na obtenção da identidade de adulto.

Por fim, pudemos também, através das nossas pesquisas verificar que apesar da Escola Abesturyana já contar com 34 anos de existência, até o presente momento, nenhuma linha de pensamento veio de encontro às suas linhas

mestras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda & Colaboradores. Adolescência, Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1983.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. Adolescência Normal, Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1981.

CLERGET, Stéphane. Adolescência, a crise necessária, Ed. Rocco, 2000.

FREUD, Ana. O Ego e os Mecanismos de Defesa. Ed. Paidós, 1968.

LOPES, Emylio Myra. Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente, RJ: Ed. Científica, 1954.

NETTO, Samuel Pfromm. Psicologia da Adolescência. Brasília, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais Pioneiras/MEC – 5ª Edição, 1976.

RACHER, Heinrich. Estudos Sobre a Técnica Psicanalista, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1982.